

Luigi Giussani

Dar a vida pela obra de um Outro

organização de JULIÁN CARRÓN

*O presente texto foi retirado do livro “Dar a vida pela obra de um Outro”,
que será brevemente publicado pela Paulus Editora.*

TU OU DA AMIZADE (1997)*

As palavras de Jean-Baptiste Massillon («Dieu seul est grand, mes frères»), pronunciadas com voz decidida, ressoaram no grande salão da Feira e deram o início e o mote, sem nenhum preâmbulo, aos Exercícios daquele ano. Don Giussani serviu-se delas para se apresentar diante dos milhares de participantes, antes ainda de abordar o grande tema do Outro («Tu ou da amizade»). Vinha de meses turbulentos, que o tinham enfraquecido, numa condição humana para ele inusitada, marcada pelo peso da doença e do tempo que passa. «A velhice explodiu em mim», confiou a alguns;¹ e os limites físicos colocavam-no diariamente diante do pensamento das coisas que passam, terminam, acabam. Mas em vez de se retirar, de se resignar ou sofrer, ele reagiu com um movimento de libertação, superando as aparências e empenhando-se a si próprio e à sua inteligência na busca de uma verdade já conhecida, mas ainda por descobrir na sua profundidade interior. Foi um período de meditação, cheio de intuições, reflexões, análises críticas, às quais ele sempre procurou dar forma e completude, naquele «desenvolvimento do discurso» que teve precisamente nas meditações à Fraternidade um dos seus principais fulcros.

Ele considerou mesmo uma espécie de «verdadeira iluminação divina» as duas lições dos Exercícios daquele ano, que explicitavam a autoconsciência de um homem diante da Grande Presença, como atestam as páginas que se seguem.

Ao aprofundamento dos conteúdos da experiência de fé veio juntar-se, em estreito conluio, o estudo do contexto intelectual moderno e contemporâneo, e da mentalidade que deste nasce e com a qual o homem de hoje tem de lidar. «“Estudar” a história da humanidade», com o intento demonstrativo de uma positividade última da existência será o convite que, na última saudação de 2004, don Giussani dirigirá aos amigos da Fraternidade. Uma tarefa que ele tinha assumido e da qual deu provas e testemunho nas suas penetrantes páginas sobre o racionalismo moderno, sobre o niilismo, sobre as concepções do «eu» e da liberdade humana.

Para cada discurso e cada intervenção, don Giussani preparava-se escrupulosamente: tirava apontamentos, fazia uma “grelha”, documentava-se com citações escritas em bloquinhos ou papelinhos. Depois falava, e ao falar “criava” o discurso, quase ao vivo, com um ímpeto comunicativo que envolvia os ouvintes. A partir dos Exercícios de 1997, porém, as coisas mudaram. O receio de que os limites físicos, até os de dicção, pudessem tornar difícil a compreensão do seu discurso, levou-o a utilizar uma nova – para ele – forma de comunicação, que a tecnologia colocava à sua disposição. As duas lições principais foram por isso gravadas alguns dias antes, diante dum pequeno grupo de pessoas, e foram depois projetadas em telas gigantes nos salões onde se tinham reunido os participantes nos Exercícios. A forma não alterou a substância, e a experiência do “ao vivo” não saiu prejudicada. Don Giussani esteve presente naqueles dias em Rimini, acompanhou ele próprio as lições numa salinha atrás do palco e, na manhã de domingo, participou na assembleia, respondendo às perguntas de “braço no ar”.

A nova modalidade de comunicação viria a revelar-se providencial, daquele momento em diante. Nos meses e nos anos seguintes, o uso de gravações vídeo e de ligações em direto à distância iria permitir a don Giussani intervir em muitos encontros e acompanhar diretamente a vida do Movimento, ultrapassando a impossibilidade de estar

* Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, 16-18 de maio de 1997, Rimini.

¹ A. Savorana, Luigi Giussani. *A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 1001.

fisicamente presente. As suas «intrusões», como lhes chamava, tocaram os espíritos e foram marcos de um caminho, que ele continuava apaixonadamente a percorrer juntamente com os seus amigos, mesmo «aqueles que conheço mal ou não conheço de todo, mas aos quais me sinto profundamente ligado».

Introdução

«*Dieu seul est grand, mes frères*»: só Deus é grande, meus irmãos. Assim iniciava o célebre orador Jean-Baptiste Massillon o discurso fúnebre pelo Rei Sol.

A morte de Luís XIV de França é um sinal da época em que a razão pretendeu ocupar todo o espaço da intervenção de Deus sobre o homem, em todos os sentidos. Por causa disso, a Igreja, fonte última de luz sobre a experiência do homem, entricheirou-se a nível pastoral para defender a moralidade do povo, dando por óbvia a evidência – para um crente – do conteúdo dogmático. Foi assim favorecida uma falta de alimento da fé do povo de Deus, na medida em que é através da atividade cultural que a vida de um povo se aprofunda e se torna historicamente geradora, em prol ou contra a tradição cristã que construiu a civilização ocidental.

Nós, hoje, estamos rodeados das consequências extremas da rebelião racionalista ao Deus vivo que se revelou ao homem. «O Deus vivo»: é chamado assim por Jesus, pois é o Deus que se revelou ao homem, o Deus existente na história.

É por isso que temos de pedir ao Pai nosso que está nos céus que aprofunde a consciência da nossa fé: «Quem és Tu, Senhor, para mim, para nós, para todo o mundo dos homens?». É um passo que damos, em que confiamos na Sua ajuda para vencer a aridez do coração, que é tão favorecida pela mentalidade comum.

Irei propor esta tentativa de reflexão em torno de dois temas, seguindo aquilo que ultimamente tem ocupado os meus pensamentos.

O primeiro é definido por esta pergunta: o que é Deus para o homem? «Deus é tudo em tudo», diz São Paulo (1Cor 15,28). Quem de nós vive com uma consciência continuamente reavivada de que «Deus é tudo em tudo»? Que quer isto dizer?

E, segundo tema: como podemos conhecê-lo assim? Jesus disse: «Ninguém conhece o Pai senão o Filho» (Lc 10,22). Então, percebo porque é que na Epístola aos Colossenses, no terceiro capítulo, versículo 11, o mesmo São Paulo diga: «Cristo é tudo em todos».

«DEUS TUDO EM TUDO»

1. Um novo ponto de partida: a ontologia

O tema desta primeira reflexão é o lema de São Paulo: «Deus é tudo em tudo».² Milosz, em *Miguel Mañara*, faria o protagonista dizer: «Só Ele é».³

«Nós não temos aqui uma morada permanente»,⁴ diz a Epístola aos Hebreus. Esta existência, em mim ou na sociedade humana, tal como surge, cheia de pretensões – no desenvolvimento de vida que o homem leva a cabo na sua convivência dramática e nas formas do seu ser social – não é permanente: é uma existência passageira, efémera.

«Quando contemplo os céus, obra das tuas mãos, a Lua e as estrelas que Tu criaste: que é o homem para te lembrares dele, o filho do homem para com ele te preocupares?»⁵, diz o Salmo 8. No entanto, nós somos aquele nível vertiginoso da natureza no qual a natureza vive a consciência de si mesma; a realidade, tal como aparece na sua cosmicidade, tem como lugar paradoxal, que a contém em todas as suas possibilidades de consciência, um ponto inalcançável e no qual tudo se reflete: o eu.

A frase de São Paulo remete para uma fórmula semelhante no Ben-Sirá: «Relembrarei, agora, as obras do Senhor e anunciarei o que vi. Pelas palavras do Senhor foram realizadas as suas obras. [...] Dispôs em ordem os grandes feitos da Sua sabedoria. Ele que existe antes de todos os séculos e para sempre. Nada se lhe pode acrescentar nem diminuir. [...] Quão amáveis são todas as Suas obras! E todavia não podemos ver delas mais que uma centelha [...]. Por muito que digamos, muito nos ficará por dizer; mas o resumo de todo o nosso discurso é este: “Ele é tudo”».⁶

Diante deste Senhor, o eu humano tem sede d’Ele. O eu humano tem sede deste Deus, ou seja – como diz Jesus – «tem sede de vida eterna». Sem esta sede, tudo seria opaco, obscuro, ou indigesta nulidade: quanto mais se é homem, quanto mais o eu é consciente, impulsivamente amante, tanto mais percebe que sem o Infinito tudo seria sufocante e intolerável. O eu tem sede de eternidade, o eu é relação com o Infinito, ou seja, com uma realidade para além de qualquer limite. Só Ele é: Deus, tudo em tudo.

«Deus é tudo». É tudo precisamente por esta sede que define o fenómeno humano. Deus é o Ser. Ora, o que significa que Deus é o Ser? Significa que é tudo em tudo. Tudo é. Se Deus é o Ser, porque é tudo em tudo, tudo o que é, é feito por Deus.

2. Duas tentações: niilismo e panteísmo

Mas se Deus é tudo, o que é que eu sou? Quem és tu? O que é que é a pessoa de quem gosto? O que é a pátria? O que é o dinheiro? O que é que são o mar e as montanhas, as flores e as estrelas, a terra e o firmamento?

A resposta não é a solução de preocupações éticas, é a descoberta de uma ontologia: a ontologia da realidade. Mas a realidade no seu ser, a realidade como aparece na experiência, ou seja, como se apresenta ao homem, como é que existe e de que é feita? A realidade, tal como se apresenta ao homem, é feita por Deus, «de» Deus. O Ser cria a

² 1Cor 15,28.

³ Cf. O. Milosz, *Miguel Mañara*, Edição Meeting de Lisboa, Lisboa 2016, p. 37.

⁴ Hb 13,14.

⁵ Sal 8,4-5.

⁶ Sir 42,15.21-22; Sir 43,27.

partir do nada, ou seja, faz participar de si. É a percepção da contingência da realidade, ou seja, do facto de que *a realidade não se faz por si mesma*.

A partir da percepção vertiginosa da aparência efémera das coisas, desenvolve-se, como cedência e negação mentirosa, a tentação de pensar que as coisas sejam ilusão e nada. Se Deus é tudo, quer dizer que as coisas que tens, as pessoas com quem vives, ou são nada (niilismo) ou são parte indistinta – também tu, então, és parte indistinta – do Ser, partes de Deus (panteísmo). Portanto, ou niilismo ou panteísmo. Estas posições são, hoje, a resposta extrema à qual toda a gente cede e que nos abraça a todos na falta de um apoio sólido e claro.

O niilismo é a consequência inevitável, em primeiro lugar, de uma presunção antropocêntrica, pela qual o homem seria capaz de salvar-se por si mesmo. Isto é de tal modo falso, que todos aqueles que vivem defendendo esta posição, no final, até abertamente, sentem-se dissolvidos num dualismo. Procuram depois afugentar a amargura que daí vem através de imagens retiradas das religiões orientais ou de certos âmbitos, de várias maneiras espiritualistas, do mundo ocidental que, no fundo, põem sempre em prática um ideal panteísta (como, por exemplo, a *New Age* dos Estados Unidos).

Um ideal que se encontra também em Thomas Mann, no seu *Os Buddenbrook*, quando descreve o último homem capaz de defender a enorme, culta riqueza dos Buddenbrook – dramática história, que nele se torna trágica. No dia repleto de trabalho, exausto para poder manter toda a herança recebida do pai e do avô, ele pode conceder-se apenas dez minutos, um quarto de hora de repouso. Abandonado na poltrona, ganha fôlego – diz Thomas Mann – sempre pensando naquele último momento em que a sua gota será reabsorvida no «grande mar do ser», desaparecendo assim como gota, como individualidade, submergindo na pacificadora homologação universal.⁷

Estas duas teorias e posições (niilismo e panteísmo) ditam todos os comportamentos de hoje; são as únicas explicações (até práticas, aliás, sobretudo práticas) oferecidas pela mentalidade comum geral que invade e desordena a cabeça e o coração de todos, mesmo de nós, cristãos, mesmo os de muitos teólogos. Uma e outra, com todas as suas consequências, têm um artifício comum, um ponto comum onde se encontram: a confiança no poder e a ânsia do poder, como quer que este seja concebido, em qualquer versão.

Como quer que seja concebido, em qualquer versão, o poder é tendencialmente ditatorial; é afirmado como única fonte e forma de ordem, ainda que efémera, mas possível. A mínima ordem, qualquer exigência de ordem, numa dada situação social, não pode ter senão o poder como única fonte certa. É, no fundo, também a conceção de Lutero, que leva ao Estado absoluto: como todos os homens são maus, é melhor que haja apenas um que comanda, ou poucos que comandam. Poderíamos dizer que, deste ponto de vista, Lenine, Hitler e Mussolini são iguais; mas estes, através de uma mediação calvinista puritana, são também iguais aos Estados democráticos, americanos ou não, e – exceto na forma – são idênticos à Rússia de Ieltsin ou, talvez até, poderíamos dizer, aos atuais governos italianos. Nesta cultura, o Estado não se pode realizar senão como totalitarismo cultural, se não tem o coração agarrado a alguma coisa mais cristã do que as ideias e práticas em que este deposita toda a sua sabedoria.

Mas como é que se passa, do niilismo e do panteísmo, a ter como objetivo o poder? Se o homem, reduzindo-se em última instância a nada, a uma mentira, é uma farsa, sente-se uma farsa, uma aparência de ser; se o seu eu nasce inteiramente como parte do grande devir, como simples resultado dos seus antecedentes físicos e biológicos, então ele não

⁷ Cf. Thomas Mann, *Os Buddenbrook*, parte 10, capítulo V, Relógio d'Água, Lisboa 2020.

tem nenhuma consistência original. O único critério que poderá ter, então, é o de adaptar-se, da maneira que der, ao impacto mecânico das circunstâncias, e quanto mais ele tiver poder sobre elas, mais a sua consistência, que é aparência, aumenta, parece aumentar, e por isso aumenta a ilusão, aliás, a mentira.

3. A existência do eu

Tanto o panteísmo como o niilismo destroem aquilo que é mais inexoravelmente grande no homem; destroem o homem como pessoa, cujo mais pequeno pensamento, diz Pascal, vale mais do que todo o universo, porque pertence a uma realidade infinitamente superior: «Todos os corpos, o firmamento, as estrelas, a terra e os seus reinos não valem o mínimo dos espíritos; porque este conhece tudo isto e a si mesmo; e os corpos, nada. Todos os corpos juntos, e todos os espíritos juntos, e todas as suas produções, não valem o mínimo impulso de caridade. Este é de uma ordem infinitamente mais elevada. De todos os corpos tomados juntos não se poderia fazer brotar sequer um pequeno pensamento: isso seria impossível, e de outra ordem. De todos os corpos e espíritos, não seria possível tirar um impulso de verdadeira caridade: seria impossível, e de outra ordem, sobrenatural».⁸

O eu é aquele nível da realidade em que o real vibra como exigência de relação com o Infinito. Chama-se «alma», no vocabulário tradicional, ou «espírito» à exigência de uma relação totalizante que transcenda a precariedade de todas as relações possíveis. Niilismo e panteísmo destroem este «eu» que define a dignidade do homem, degradam-no ao aspeto da animalidade; e a lei de qualquer gesto e de qualquer ação fica reduzida a instintividade: «Os ímpios assemelham-se ao leão, à espera da presa, ao jovem leão a espreitar do seu esconderijo».⁹

Também o poder, como demonstração mais condigna da supremacia que o homem tem sobre todas as outras criaturas, se realiza como posse, obtida com uma instintividade mais refinada do que a do leão ou do tigre, mas idêntica como dinâmica: orgulho, violência, sexo (ou «a Usura, a Luxúria e o Poder»,¹⁰ como diz Eliot nos *Coros d' "A Rocha"*).

A resposta à pergunta feita («Se Deus é tudo, o que é que eu sou?»), ou seja, o problema do ser do homem, como é que se resolve? Não é só um problema filosófico, é antes de mais nada um problema de consciência de si, ou seja, um problema do eu, da pessoa: está em jogo o que ela é, está em jogo em cada gesto humano, em cada experiência, na qual o real surge perante a razão. Mas se o homem destrói o conteúdo da experiência, dizendo ou que não é nada, ou que é parte indistinta do ser total, então não existe nada fora dele, ele é o único senhor de si mesmo. Se, porém, não tem o poder, se não é ele o senhor, então é escravo do poder alheio, seja quem for que o detenha: assim o filho pode ser escravo do pai e da mãe, a mulher do homem, o cidadão do Estado, da região, da província ou do município, e quanto mais se pertence a uma sociedade pequena, restrita, mas se depende de quem sobre ela detém o poder.

Voltemos então à pergunta: «Se Ele é tudo, o que é que eu sou?». Ou seja, se o Ser é Deus, o que quer dizer «eu sou»? O que quer dizer «tu és»? É partindo da evidente dificuldade que tem esta pergunta como resultado imediato que niilismo e panteísmo parecem ser resposta a uma razão não oportunamente consciencializada: niilismo, panteísmo e, em última instância, o poder. Qualquer relação se torna poder, violência, até

⁸ B. Pascal, «L'ordine della carità e il mistero dell'amore divino. 829 (723)», in Id., *Pensieri*, a cura di A. Bausola, Bompiani, Milão 2000, p. 463.

⁹ Cf. Sal 17,12.

¹⁰ T.S. Eliot, *Coros de "A Rocha"*, Tenacitas, Coimbra 2014, p. 135.

a mais terna relação possível tem dentro de si um fio duro. Exceto nas crianças, talvez; nos adultos, de qualquer forma, em todos.

Para começarmos a procurar a resposta, vejamos o que, na Bíblia, Deus diz a Moisés: «Assim dirás aos filhos de Israel. “Eu sou Aquele que sou”».¹¹ «Só Ele é» (Milosz em *Miguel Mañara* tinha, portanto, acertado), e isto identifica Deus como Mistério. Mas, a par disto, «eu existo», e este permanece o único verdadeiro mistério para a razão; sem este mistério, a razão não raciocina, porque a razão é consciência da realidade segundo a totalidade dos seus fatores. Niilismo e panteísmo são, por isso, uma redução, são negações da razão, são simplificações redutoras, que contradizem a razão e cedem à imagem quantitativa das coisas: a imagem quantitativa do ser que nos vem da experiência quotidiana, da vida mortal.

Logo, o único verdadeiro mistério, é este: mas como é que eu existo? como é que eu tenho consistência? como é que tem consistência a coisa que está à minha frente? como é que a pedra e como é que o mar têm consistência? Esta pergunta identifica o nível ontológico – não ético – da questão. Pelo contrário, o racionalismo niilista ou panteísta exasperou a incidência ética do problema, reduzindo tudo à afirmação do homem; e a afirmação do homem é uma *hybris*, é uma violência diante de si mesmo e do mistério do mundo. Também a Igreja, atacada pelo racionalismo, sublinhou ao povo e na sua teologia a ética, dando como pressuposta a ontologia, quase que lhe retirando a força geradora.

Tendo dito isto, não se pode, razoavelmente, deixar de ter em conta que para a razão o Mistério tem de ser, por assim dizer, «reduzido» o mais possível. Até que ponto, então, pode a razão chegar, e onde é que o Mistério é inatacável? Onde é que a razão é obrigada a reconhecer a existência duma realidade última onde não pode penetrar? Que coisa no homem pode ser concebida, de certa forma – ainda que paradoxalmente – como «subtraída» à dependência de Deus, que a cria? Onde é que o seu ser se «subtrai» à inevitabilidade de ser partícipe (não «parte») do Ser? Onde é que o eu se pode conceber como independente do Ser do qual deriva? Onde? Na *liberdade!* Tudo o resto é «atacável» pela razão, pode ser compreendido pela razão. Porque que o cabelo não se faz por si é evidente para a razão, que a flor não se faz por si, que eu não me faço por mim é evidente para a razão. Mas como é que age o Mistério que faz a flor? Como é que me faz?

Mais radicalmente ainda, como é que o Mistério faz para criar uma coisa que não se identifique com Ele próprio? É este o verdadeiro mistério!

Tudo é, portanto, compreensível, salvo uma coisa que fica ainda de fora, uma coisa que para a razão fica fora de Deus: a liberdade. A liberdade é a única coisa que aparece à razão como estando fora de Deus. Ao Ser, enquanto tal, não se pode acrescentar nem tirar nada: a liberdade, porém, parece retirar alguma coisa ao mistério do Ser, a Deus.

Mas a liberdade o que é? Partamos da experiência, como estamos habituados a fazer. A liberdade é a satisfação de um desejo. O fenómeno que me faz dizer: «Sou livre» é a satisfação. O fenómeno que define a liberdade é, portanto, a satisfação total de mim, a resposta à minha sede. A liberdade é exigência de satisfação total. Por isso, é adequação ao Ser, ou seja, adesão ao Ser. Se o Ser, Deus, é tudo, a liberdade é reconhecer que Deus é tudo. O Mistério quis ser reconhecido pela nossa liberdade, quis gerar o seu próprio reconhecimento.

Mas no próprio Deus o reconhecimento é dado pelo Filho, por aquele que nos foi “ditado” como Verbo. Para Jesus Cristo, Deus é Pai, e para o Pai, Jesus Cristo é Filho, por isso partícipe do Verbo, como diz a teologia sobre a Santíssima Trindade. É na sua pessoa, no seu comportamento em relação ao Pai, que se revela o Mistério como Trindade. Aceitar o amor cria reciprocidade, gera reciprocidade. Isto, no Mistério, é natureza. A

¹¹ Cf. Ex 3,14.

natureza do Ser revelou-se em Jesus de Nazaré como amor em amizade, ou seja, como amor reconhecido. Assim, o espelho do Pai é o Filho, o Verbo infinito, e na infinita perfeição misteriosa deste reconhecimento, em que vibra para nós a infinita beleza misteriosa da origem do ser, do Pai (*Splendor Patris*), procede a misteriosa potência criadora do Espírito Santo.

Ora, o eu humano, feito à imagem e semelhança de Deus, reflete originalmente o mistério do Ser uno e trino que é próprio do dinamismo da liberdade, cuja lei será, portanto, o amor, e o dinamismo em que se joga este amor não poderá deixar de ser amizade.

Permanece, porém, um ponto que para a minha razão é um mistério: como é que Deus pode ter desejado o ser participado, e como é que este último não confina, não aperta dentro dos seus limites o Ser, não rouba nada ao Ser?

Este é o ponto central do Mistério: como é que o ser participado não rouba nada ao Ser.

4. Pedir para ser

Enquanto liberdade, a natureza do ser participado exprime-se – usemos logo a grande palavra – como *oração*.

Se a liberdade é reconhecimento do Ser como Mistério, a relação do ser participado com Deus é somente a oração. Tudo o resto, é Deus que o faz.

É na oração que o Mistério ainda persiste, resiste como explicação última; é na oração e no pedido, porque a oração é pedido, «pedido de ser». Deus quer que haja alguém que lhe pede para ser, que diga tanto e tão sinceramente que Ele é tudo, a ponto de lhe pedir aquilo que Deus já lhe deu: participar no Ser.

Se o ser criado é o ser participado, a liberdade estabelece a oração como única manifestação deste ser: tudo aquilo que o ser participado faz é, em si, oração, ou seja, pedido. Também naquilo que percebe e sente, o eu razoável adora o Mistério, encontra-se diante do Mistério. Não «diante», mas «dentro» do Mistério. Se é oração e pedido, também a liberdade está dentro do Mistério.

Pedir, então, o quê? Pedir para ser; pedir o Ser, o Mistério. A natureza do ser participado exprime-se como oração, que existencialmente é pedido, pedido para ser. Mas o que é que se pode pedir? Que o ser seja tornado total em si, em tudo aquilo que faz. Na existência, ou seja, na quantidade de ser que lhe é comunicado, de que é constituído, em tudo aquilo que faz (porque o ser do eu realiza-se na ação: «Quer comamos, quer bebamos, quer durmamos, quer estejamos vigilantes, quer vivamos, quer morramos»),¹² o ser participado reconhece que Deus é tudo, que tudo é feito por Deus. *Omnis creatura Dei bona*: todas as coisas são boas.¹³ Tudo é Deus. Deus é tudo.

Do ponto de vista positivo, «Deus é tudo», e a liberdade é reconhecer que Deus é tudo; do ponto de vista passivo, por assim dizer, por parte do nada, «tudo é Deus». Esta é a moral cristã. A moral cristã coincide com este reconhecimento que verdadeiramente se afirma no ponto em que o Mistério se torna mais mistério, incompreensível até para a imaginação, para a fantasia do homem.

5. A escolha da estranheza

¹² Cf. 1Cor 10,31; 1Ts 5,10.

¹³ 1Tm 4,4.

O contrário do verdadeiro, do justo e do bom é o pecado.

O pecado, em cada ação e em cada relação, a qualquer nível que se coloque e qualquer que ele seja, é não reconhecer que Deus é tudo, como objetivo e como método. Na relação, o pecado é não viver tudo como afirmação de Deus. O pecado é não reconhecer Deus como origem total, da qual derivam objetivo e método de qualquer ação. «Só Ele é». Então, nada é nosso.

Se isto se torna objeção, é devido a um veneno introduzido pelo «pai da mentira»: e esta objeção é idolatria de nós mesmos.

Na Bíblia, com efeito, a idolatria é sinónimo último de pecado. O «pai da mentira» (como dirá Jesus do diabo) age para difundir a possibilidade racional da idolatria.

Apenas podemos dizer o seguinte: o pecado é qualquer ação na qual poder dizer «Deus é tudo», se torna objeção, é qualquer aspeto da ação que possa não ser coerente com «Deus é tudo».

Assim, o homem ou procura escapar, esconder-se diante da presença do Ser (como os dois primeiros no início, Adão e Eva) ou, em última instância, abandona-se ao desespero: «Dirão então às montanhas: “Cobri-nos!” e às colinas: “Caí sobre nós”!»,¹⁴ no último dos dias.

Em vez da familiaridade de Deus, que passeia com Adão e Eva na brisa da tarde, temos a *escolha da estranheza*. Em vez de caminhar com Ele, Adão e Eva seguiram um estranho, algo de estranho à sua própria experiência, o estranho, o pai da mentira, Satanás, cuja única definição é «ser contra». A sua liberdade existencializa-se no «ser contra»: não a demonstração de que Deus não é tudo, mas no ser contra a evidência de que Deus é tudo. É esta a sua natureza, como a natureza de todo o pecado. Contra a evidência, contra aquilo que a experiência faz ver, Satanás, como a tentação, faz aparecer o Ser como fonte de mentira e de mal, como uma visão ilusória. É assim que o pai da mentira demonstra a sua mentira. Por isso, emerge na experiência humana como qualquer coisa contra a verdade e o bem do homem: como um *estranho*, porque Adão e Eva não sabiam que aquele era o diabo, sob as vestes de uma serpente estava um estranho, estranho à experiência deles.

O homem, rebelando-se, adere a uma realidade estranha ao seu ser, adere ao «mundo», como diz Jesus, ou seja, à soma do poder, que tem uma forma normal (como a serpente de Adão e Eva tem a forma de um animal), mas por dentro não é aquilo que diz ser, não é aquilo que mostra ser, por dentro «não é». Também Satanás é um ser participado por Deus, e por isso é de Deus; é precisamente a não aceitação, o não reconhecimento disto, que o torna infeliz e, portanto, torna o homem pecador.

Isto explica, por um lado, por que razão quem caminha no sentido de uma moral concebida como reconhecimento de que Deus é tudo é alegre; encontra até mesmo letícia, e de todo o modo, paz, mesmo nas situações mais tristes. Por outro lado, quem segue, quem cede ao pai da mentira, ao diabo, que não reconhece que Deus é tudo, mesmo sendo feito d'Ele, quem cede a um estranho é vítima, escravo e vítima, de um princípio que o odeia, que não o ama, e que é o mundo: torna-se escravo do mundo, e quanto mais fizer carreira, mais esta escravidão se tornará patente. «Vejam quantos senhores têm aqueles que não querem ter o único Senhor»,¹⁵ dizia Santo Ambrósio.

¹⁴ Os 10,8.

¹⁵ «*Quam multos dominos habet qui unum refugerit*» (Santo Ambrósio, *Epistulae extra collectionem traditae*, 14,96, in *Tutte le opere di sant' Ambrogio - Discorsi e Lettere II/III. Lettere (70-77)*, Biblioteca Ambrosiana – Città Nuova Editrice, Milão – Roma 1988, pp. 312-313).

«CRISTO TUDO EM TODOS»

1. Natureza e destino do homem

«Cristo é tudo em todos».¹⁶ Esta frase de São Paulo merece a citação que dela faz São Máximo, o Confessor, na sua *Mistagogia*.

«Cristo» diz «é [...] tudo em todos, Ele que tudo encerra em si, segundo a potência única, infinita e sapientíssima da sua bondade – como um centro em que convergem [todas] as linhas – a fim de que as criaturas do Deus único não permaneçam estranhas e inimigas umas das outras, mas tenham um lugar comum no qual manifestar a sua amizade e a sua paz».¹⁷ É a síntese das raízes de tudo aquilo que pensamos e sentimos na nossa convicção de fé.

Em primeiro lugar, a frase de São Paulo. Se «Deus é tudo em tudo», o que quer dizer «Cristo é tudo em todos»? A teologia tenta muitas vezes identificar estas duas afirmações substituindo na primeira «tudo» por «todos». Mas a Primeira Epístola aos Coríntios (15,28) diz: «E quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá Àquele que tudo lhe submeteu, a fim de que Deus seja tudo em tudo [*hina ê(i) ho theós pánta en pásin*]».¹⁸ O grego *en pásin* é tanto masculino quanto neutro. Neste caso, porém, dado o contexto da formulação de São Paulo, o termo não pode ser traduzido senão com o neutro: «Tudo lhe tiver sido submetido [...] todas as coisas lhe submeteu, para que Deus seja tudo (*pánta*) em tudo (*en pásin*)». «Deus tudo em tudo» é a versão não só possível, mas necessária, dado o contexto último e mais total da formulação.

Na Epístola aos Colossenses (3,11) surge a outra formulação: «Não há grego nem judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, xiita, escravo, livre, mas Cristo que é tudo em todos» (*allá tá pánta kái en pásin Christós*). Aqui *en pásin* é masculino plural; o contexto sublinha-o e justifica-o e, portanto, a tradução correta é «tudo em todos».

A diferença tem um significado essencial.

Em primeiro lugar, «Cristo tudo em todos» é, no seu valor ontológico, o nexos entre o mistério da pessoa de Cristo e a natureza e o destino da pessoa de cada homem: é este o valor real, ontológico, de «Cristo tudo em todos». Por isso Jesus, no último discurso antes da sua morte, no Cenáculo, dirigindo-se ao Pai, diz: «Deste-me poder sobre toda a humanidade [literalmente: “toda a carne”] a fim de que dê a a vida eterna a todos aqueles que tu me entregaste».¹⁹

Mas, em segundo lugar, «Cristo tudo em todos» significa que Cristo, não só ontologicamente, mas também para a autoconsciência do homem, é a fonte originária, o exemplo último e adequado para que o homem conceba e viva a sua relação com Deus (Criador) e com o outro homem (criatura), a sua relação com o cosmos, com a sociedade e com a história.

Por que é que a relação com Deus é relação com Jesus? Porque Jesus é o desvelar-se, o revelar-se de Deus como Mistério, da Trindade como Mistério. Por isso a «moral» para o homem é a imitação do comportamento de Jesus Cristo, do homem Jesus, de Jesus homem-Deus, homem em que Deus é.

¹⁶ Col 3,11.

¹⁷ São Máximo, o Confessor, *Mistagogia*, I.

¹⁸ 1Cor 15,28.

¹⁹ Cf. Jo 17,2.

Ele é para todos o Mestre (*Magister adest*: «O Mestre está aqui».²⁰ «Não vos deixeis tratar por “mestres”, pois um só é o vosso Mestre»²¹), o Mestre a descobrir, a ouvir e a seguir: «Felizes os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática».²² A imitação de Cristo é o conhecimento da verdade, a prática da verdade para todos os homens.

Em todos os tempos, Jesus Cristo prossegue na história, no seio do mistério da Igreja, o seu Corpo, formado por todos aqueles que o Pai lhe colocou nas mãos, como Ele mesmo diz, e que Ele, com a força do seu Espírito, no Batismo identificou consigo como membros do seu Corpo. O magistério de Cristo é – ou seja, coincide com – o da Igreja, porque por ela é, de forma autêntica, lido e ouvido.

Quero aqui fazer uma observação. Aquilo que dissemos antes sobre o poder é válido, como aspeto vertiginoso, para a autoridade tal como pode ser vivida na Igreja. Se ela não for paternal, e portanto, maternal, pode tornar-se fonte de equívoco supremo, instrumento enganador e destrutivo nas mãos da mentira, de Satanás, pai da mentira.²³ Ora, de forma perturbadora, a autoridade da Igreja é sempre, em última instância, para ser obedecida. Paradoxalmente.

Do ponto de vista institucional, é para ser obedecida na medida em que aquilo que diz é instrumento e veículo da Tradição, ou seja, na medida em que é formalmente ortodoxa na fé e leal na práxis à autoridade do Papa. Por isso, do ponto de vista institucional, a autoridade é a forma contingente que a presença de Jesus ressuscitado utiliza como expressão operante da sua amizade com o homem, comigo, contigo, com cada um de nós. Este é o aspecto mais impressionante do mistério da Igreja, o aspecto que mais afeta o amor próprio do homem, a própria razão do homem.

O significado da imitação de Cristo, de imitar Cristo, é indicado, de modo autêntico, pela Igreja para todos os homens, mas inicialmente e antes de mais para os homens batizados, para os fiéis. A Igreja é, portanto, a fonte com a qual se compara toda a moral, a definição da moralidade da vida como consciência do dever e tensão para a realização deste, à luz da consciência de Cristo, único mestre da humanidade (*Unus est enim Magister vester*²⁴). No Batismo, gesto fundamental através do qual na vida da Igreja um homem é tornado imanente ao mistério de Cristo, nasce a «nova criatura».²⁵ Esta é a ontologia nova, o novo ser, a participação nova, inimaginável, do Ser, do Ser como Mistério. Daqui provém a moral nova.

Mas como é que, na infinita diferença da misteriosa identidade de cada homem que crê em Cristo, é possível imitá-lo, a Ele, o homem Jesus de Nazaré? Que misteriosa identidade vive em cada homem que crê n'Ele!

Jesus é o homem que o Espírito de Deus fez nascer – como todos os homens – de uma mulher, viver e morrer como filho de uma mãe; o seu eu, a sua personalidade, identificou-se com a própria natureza do Mistério, de tal forma que aquilo que do Mistério se pôde conhecer e se pode conhecer foi imediatamente revelado por Ele.

Assim viemos a conhecer que o homem Jesus é imanente ao Verbo de Deus, Filho do Pai. Pelo que a imitação de Cristo é possível se o homem se reconhecer a si mesmo como «filho adotivo» de Deus como Pai, misteriosamente partícipe da natureza de Deus, escolhido por Jesus, homem-Deus, para ser parte d'Ele no mistério batismal, feito membro do seu Corpo.

²⁰ Jo 11,28.

²¹ Cf. Mt 23,8.10.

²² Cf. Lc 11,28.

²³ Cf. Jo 8,44.

²⁴ Mt 23,8.

²⁵ Gal 6,15; cf. 2Cor 5,17; Ef 4,23; Col 3,9.10; Jz 1,18; 1Pt 1,23.

Por tudo isto, a Igreja utiliza a definição «filho adotivo», chama *adotiva* à nossa filiação, movida pelo Espírito de Jesus. «Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o Seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “Abbá! – Pai!”. Deste modo, já não és escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro, por graça de Deus».²⁶ Por isso o Apocalipse, no seu final, diz: «O que vencer [quem seguir Cristo na cruz, naquela cruz que o leva à Ressurreição e à soberania sobre todo o mundo] receberá estas coisas como herança; Eu serei o seu Deus e ele será meu filho».²⁷ Aqui fala do homem, do homem chamado e fiel ao chamamento.²⁸

Se a moral para o homem é imitar Cristo, perguntemo-nos então: qual é o comportamento de Cristo para com Deus, para com o homem como próximo, ou seja, para com o outro criado pelo Pai, para com a sociedade e, portanto, para com a história, toda a história da humanidade?

3. Deus é Pai

Em primeiro lugar, o comportamento de Jesus, do homem-Deus, para com Deus, é todo ele marcado pelo reconhecimento de que Deus, o Mistério, é *paternidade*. Jesus tem a viva a consciência de como o Pai o invade totalmente, a consciência do «Deus que é tudo em tudo». «Em verdade, em verdade vos digo: o Filho, por si mesmo, não pode fazer nada, senão o que vir fazer ao Pai, pois aquilo que este faz também o faz igualmente o Filho. De facto, o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que Ele mesmo faz; e há-de mostrar-lhe obras maiores do que estas, de modo que ficareis assombrados».²⁹

Jesus introduz o homem no reconhecimento desta paternidade, da familiaridade suprema com o Mistério que o constitui, que faz todas as coisas. «Nas vossas orações» diz Jesus «não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes. Rezai, pois, assim: “Pai nosso, que estais no Céu” [ou seja, no radical profundo, gerador das coisas]».³⁰

«“Eu sou» dirá Jesus de si «o caminho, a verdade e a vida. Ninguém pode ir ao Pai senão por mim. Se ficastes a conhecer-me, conhecereis também o meu Pai. E se já o conheceis, pois estais a vê-lo”. Disse-lhe Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta”. Jesus disse-lhe: “Há tanto tempo que estou convosco, e não me ficaste a conhecer, Filipe? Quem me vê, vê o Pai”».³¹

O Senhor único, o Mistério que faz todas as coisas e todo o tempo em que as coisas existem, subsistem, torna-se familiar para nós através de Jesus (homem por Ele escolhido e tornado parte, ou seja, participante imediato da sua natureza divina, da natureza do próprio Mistério). Neste homem, nós vemos definir-se aquilo que, humanamente falando, seria presunção definir (poderia ser expressão dum culminar do desejo, do desejo original da própria consciência, mas como seria incerto, como seria raro e incerto, e cheio de erros, de motivação ou de deambulações erráticas do pensamento do homem!): Deus é Pai, o

²⁶ Gal 4,4-7; cf. Rm 8,14-17.19-23; Gal 3,26.

²⁷ Ap 21,7.

²⁸ Cf. Ef 1,5; Hb 2,10; 12,5-8.

²⁹ Jo 5,19-20; cf. Lc 2,49.

³⁰ Mt 6,7 ss.

³¹ Jo 14,6-9.

Mistério é paternal. Como experiência humana, o que pode ser mais familiar que a positividade radical, que o bem de que o pai é fonte?

4. O comportamento de Jesus para com o Pai

Qual é, então, o comportamento de Jesus para com o Pai? Se Ele nos revela, em primeiro lugar, que Deus é Pai, que o Mistério é Pai, como é que se apresenta o seu comportamento para com Ele?

a) Jesus sublinha a potência criadora deste Pai, deste Mistério como Pai: é o comportamento para com um Pai que é o *Criador*. Duma existência humana que é caminho para uma perfeição, Ele é Criador, de uma vida humana que é fraqueza, fragilidade, incoerência e vertigem, de tudo isto, também de tudo isto, até da sua criatura que se encontra nestas condições, Ele é o Redentor, redime.

Cristo dirige-se ao Pai enquanto Criador.

Ele é o primeiro homem com a consciência adequada e perfeita de que todo o seu conteúdo de homem é presença do Pai. Meditando alguns dos capítulos do Evangelho de São João (como o quinto, o sexto, o sétimo e o oitavo) encontra-se nas palavras de Cristo um pensamento dominante: Ele faz aquilo que o Pai quer. Ele vê o Pai, Ele nada faz além daquilo que vê o Pai fazer. Quando olhava para o pássaro que caía, quando observava os lírios do campo, as searas, os cabelos do homem, o que é que lhe dava a certeza de retirar de tudo ímpeto para alcançar o significado do mundo, o sentido da sua vida? O que fazia florescer tal certeza era a sua relação com o Pai, a companhia do Pai.³²

Para nós, imitar Jesus é, portanto, viver em primeiro lugar a religiosidade de cada gesto. Esta primeira flexão, este primeiro artigo da moral para nós é claro: viver a religiosidade em cada gesto. São Paulo diz isto mais de uma vez: «Quer durmamos, quer estejamos vigilantes, com Ele vivamos unidos»;³³ «Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus»,³⁴ ou para a glória de Cristo, porque Deus comunica-se a nós na palavra de Jesus, na pessoa de Jesus.

A lei dinâmica da existência é para Cristo a obediência (viver tudo pelas razões de Outro); para nós, esta encontra a sua expressão máxima na oferta. A oferta é reconhecimento de que, como Deus, também Cristo é a *substantia* de toda a vida, quer dizer, é a consistência e o sentido, ou seja, o valor, da relação entre o homem e qualquer realidade na vida. O valor da relação entre o homem e qualquer realidade na vida é Cristo, qualquer que seja a relação. O sentido é Cristo: por isso, a obediência, a oferta é viver pelas razões que são veiculadas na palavra de Cristo, tal como Cristo vive pelas razões do Pai. Daqui, portanto, a religiosidade de cada gesto, de cada ação, de cada relação.

b) Em segundo lugar, o comportamento de Jesus para com Deus Pai é como *perfeição suprema*, e isto caracteriza a vida como tensão contínua para Ele: «Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai». ³⁵ O sentido da existência do homem é caminho de perfeição. A finalidade da existência é que a criatura viva o mais possível a vida como tensão para a perfeição do Mistério.

A moralidade é, assim, vivida não como definição de uma medida ou de leis, mas como tensão para a imitação de Cristo e para as suas consequências: «Até que passem o céu e

³² Cf. L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, pp. 70 e 94.

³³ 1Ts 5,10.

³⁴ 1Cor 10,31.

³⁵ Mt 5,48; cf. Lc 6,36.

a terra, não passará um só jota ou um só ápice da Lei». ³⁶ «Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas levá-los à perfeição», ³⁷ ou seja, nesta tensão, para os tornar possíveis. «Todo o que tem esta esperança em Deus, torna-se puro, como Ele, que é puro»: ³⁸ é a moralidade como tensão contínua para a imitação de Cristo na sua obediência ao Pai.

Em que sentido «não vim revogá-los, mas levá-los à perfeição», ou seja, para os tornar possíveis? A tensão é como que a última e permanente expressão da liberdade em relação a «Deus que é tudo em tudo». Com efeito, que esta tensão se torne coerência no homem é graça. O fio da moralidade é, portanto, pedido sincero desta graça. O pedido sincero é a forma fundamental da oração: é mendicância. Como a do publicano. «Dois homens subiram ao templo para orar: um era fariseu e o outro, publicano. O fariseu, de pé, fazia interiormente esta oração: “Ó Deus, dou-te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros; nem como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo quanto possuo”. O publicano, mantendo-se à distância, nem sequer ousava levantar os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!”. Digo-vos: este voltou justificado para sua casa, e o outro não. Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado». ³⁹

A quem diz «eu sou capaz», «eu tenho o poder», «eu tenho a força», ser-lhe-à demonstrado que não por si próprio, mas só através de um Outro a quem pede, poderá ter tudo isso.

Dá-se, em suma, na moral, o prevalecer do pedido e da mendicância sobre a conquista do propósito: seria presunção, não propósito, se não fosse pedido. Que grande verdade nos repropõe esta parábola do Evangelho!

c) Por último, vejamos o comportamento de Jesus para com Deus Pai como Redentor, e portanto como *misericórdia*.

«Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna». ⁴⁰ Portanto, o significado deste Filho, deste Verbo que se fez carne, identificado com um homem nascido de uma mulher, é o de desvelar completamente o amor do Mistério, o amor que o Mistério tem pela sua criatura: é o de desvelar completamente o amor de Deus Pai.

Cristo, este homem nascido em Belém, que viveu em Nazaré, naquele momento preciso e fugaz da história, é o nosso Destino que se fez presença e companhia, é o mistério de Deus que se fez presença e companhia perene, por todo o tempo da sua criatura. «Estarei sempre convosco até ao fim dos tempos»; ⁴¹ afirmação suprema do Criador como amor.

Em Jesus revela-se a relação de Deus com a sua criatura como amor e, portanto, como *misericórdia*.

É difícil perceber o que é que a palavra *misericórdia* acrescenta à palavra amor, ou perdão, porque à palavra amor não se pode acrescentar nada; mas à nossa percepção do significado desta palavra, a palavra *misericórdia* acrescenta o fator do Mistério, graças ao qual todas as nossas medidas e as nossas imaginações se vão. A *misericórdia* é a posição

³⁶ Mt 5,18.

³⁷ Mt 5,17.

³⁸ 1Jo 3,3.

³⁹ Lc 18,10-14.

⁴⁰ Jo 3,16.

⁴¹ Mt 28,20.

do Mistério, indica a posição do Mistério em relação a qualquer fraqueza, erro e esquecimento humano: Deus, diante de qualquer crime do homem, ama-o.

A aceitação desta misericórdia, o reconhecimento desta misericórdia é a suma moralidade, o vértice da moralidade; tal aceitação é o extremo da autenticidade do reconhecimento que o homem, a liberdade do homem, realiza do Mistério, do Mistério como fonte de tudo, do «Deus tudo em tudo».

A única forma de se mendigar Deus Pai é como abandono a uma misericórdia.

5. A partir da amizade, a moralidade

Sinteticamente, o comportamento de Jesus com Deus Pai é o reconhecimento e a aceitação do Mistério como Misericórdia. *Logo, a relação entre Jesus e o Pai representa a realização suprema da amizade.*

Jesus, como homem, reconhece e aceita ser Ele a misericórdia do Pai. Assim, Ele aceita morrer: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem».⁴²

Assim como para o homem Jesus a obediência ao Pai representa a fonte e o vértice da virtude, também para o homem a moralidade nasce como simpatia prevalecente, irresistível, por uma pessoa presente: por Jesus. Para além de tudo – atração, dor e pecado – o apego a Jesus prevalece. A moralidade do homem nasce então como amizade com Deus como Mistério e, portanto, com Jesus, através do qual e no qual o Mistério se desvela, se revela, se comunica.

Amizade verdadeira é qualquer relação em que a necessidade do outro é partilhada no seu significado último, ou seja naquele destino que desperta toda a necessidade e que constitui o termo da sede e da fome do homem. Para o homem, aceitar o amor que se exprime na vontade de Deus, do Mistério que fazendo-se homem em Jesus aceita a morte, a sua morte por todos os filhos, é a origem da moralidade, que nasce, com efeito, como amizade com Deus. Tal como para Jesus a moralidade nasce da aceitação de ser o próprio sujeito da misericórdia do Pai – Ele aceita este Mistério que se comunica a Ele, aceita-o morrendo pelos homens – assim para o homem, para cada homem, a moralidade nasce como amizade com Ele, com Deus em Jesus.

A moralidade nasce como amizade com Deus como Mistério e, portanto, com Jesus. A relação do homem com Deus como Mistério e, portanto, com Jesus tem início e cumpre-se, em toda a sua grandeza, simplicidade, verdade e segurança, no *sim* de São Pedro a Jesus, que lhe perguntava: «Simão, tu amas-me?».

Para o *sim* de Pedro, a moralidade é surpresa de uma Presença a que se adere ao ponto de toda a vida tender a ser por ela concebida, nos pormenores, no seu conjunto, de forma a agradar ao rosto daquela Presença. Por isso a moralidade, para o cristão, é *adesão amorosa*.

6. Luz, força e ajuda para o homem

Vejamos agora mais detalhadamente o comportamento de Jesus para com o outro, ou seja, para com o homem como próximo.

Este comportamento, em síntese, é a partilha da vida do homem, colocando-se como fonte de luz, isto é, de clareza e verdade, de força e de ajuda.

⁴² Lc 23,34.

a) Como fonte de *luz*: «A luz verdadeira que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina»⁴³ ou, como Jesus dirá no discurso da Última Ceia: «Dei-te a conhecer aos homens que, do meio do mundo, me deste. Eles eram teus e Tu mos entregaste e têm guardado a tua palavra. Agora ficaram a saber que tudo quanto me deste vem de ti, pois as palavras que me transmitiste Eu lhas tenho transmitido».⁴⁴

Por isso para nós, para o homem que Ele escolhe, os valores com que julgar são os que têm em atenção a palavra do Verbo como presença de Jesus: como Sua Presença agora. Mas esta é a comunidade da Igreja à qual se pertence; esta é o rosto daquela Presença, ou aquilo em que o rosto daquela Presença se torna sensível, se torna *sinal*, mas um sinal que contém aquilo de que é sinal. A comunidade da Igreja é o lugar onde o acontecimento da presença de Cristo se renova, é novo, renasce.

O método que o Mistério usou para dar-se, para desvelar-se à sua criatura, é o método sacramental: sinal que contém o Mistério de que é sinal. A comunidade da Igreja é o aspeto deste sinal, é o aspeto visível daquele rosto; é a veste daquela Presença, como a veste de Jesus para as crianças pequenas que estavam perto d'Ele. Aqueles pequeninos, de quatro-cinco anos, que o rodeavam e lhe agarravam as pernas, metiam o nariz entre as suas vestes, e não lhe viam o rosto, não retinham a sua cara, nem sequer a viam, talvez. Mas estavam ali com Ele. De tal forma que a roupa, a túnica sem costura que Jesus vestia, ficava mais nos seus olhos do que a sua cara. Da mesma maneira, Jesus para nós torna-se sensível, torna-se perceptível, na comunidade eclesial, como se esta fosse a roupa através da qual a nossa pequenez entra em relação com a sua presença real.

Ouvir a voz da autoridade, portanto do Papa e dos documentos oficiais da Igreja, é um antídoto para a embriaguês dos *slogans* dos meios de comunicação social.

«Não vos conformeis à mentalidade deste mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito».⁴⁵ Um grande perseguido religioso da Checoslováquia de há algumas décadas atrás, Josef Zvěřina,⁴⁶ citava-nos, na sua *Carta aos cristãos do Ocidente*⁴⁷, este trecho da Epístola de São Paulo aos Romanos.

O conhecimento da verdade através da Igreja como presença da Verdade é o juízo que decide sobre o ato e o dia humanos. Não a Igreja dos «teólogos», mas a Igreja dos sacramentos, da palavra do Papa e dos bispos enquanto unidos a ele, a Igreja daqueles que reconhecem, na humildade e no sofrimento da grande espera (que vence o sofrimento na letícia da esperança), a palavra do Papa e dos bispos, que guiam esta realidade de Igreja verdadeira.

Talvez em certos momentos da vida de Jesus, alguma mulher piedosa ou algum discípulo humanamente amadurecido e sensível tenha dito: «Pobre Jesus!». Por analogia, nós podemos dizer, com a mesma piedade, pelo mesmo motivo e pelas mesmas razões: «Pobre Igreja!». Não como juízo negativo, mas como constatação melancólica e, no entanto, cheia da certeza da Ressurreição na vida da Igreja de hoje.

b) Jesus como fonte de *força*: «Sem mim, nada podeis fazer».⁴⁸ Quem sabe como é que é terá soado aos apóstolos aquela frase que ouviram, na última ceia, naquela última ceia, naquela noite já tão carregada de tremor e de terror: «Sem mim, nada podeis fazer». Por

⁴³ Jo 1,9.

⁴⁴ Jo 17,6-8.

⁴⁵ Rm 12,2.

⁴⁶ Zvěřina (1913-1990), sacerdote, teólogo e historiador de arte checo.

⁴⁷ J. Zvěřina, «Lettera ai cristiani d'Occidente», em *Scritti per una "Chiesa della compassione"*, por M. Guidetti, Jaca Book, Milão 1971, pp. 177-178.

⁴⁸ Jo 15,5.

isso somos mendicantes, e a forma da mendicância iluminada por Cristo são os sacramentos. O sacramento, enquanto forma suprema de oração, «deve ser o pedido que uma pessoa, mesmo que sepultada sob as suas próprias misérias, dirige a Deus como que através de uma pequena fissura de desejo de ser libertado».⁴⁹

c) Por último, como fonte de *ajuda*: «Eu estou no meio de vós como aquele que serve».⁵⁰ «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão».⁵¹ Torna-se o servo de todos, precisamente porque Ele dá a energia ao homem para o caminho rumo ao seu Destino, ou seja, rumo a Ele.

Assim, todas as relações com os outros, em Jesus, são partilha. Não há relação justa se não estiver em função do Destino: para lá tende, de facto, qualquer necessidade do ser humano, do ser participado que se chama homem. Quando o homem vive isto, aceita isto, procura em todas as relações o destino do outro, então todas as relações são boas e em todas as relações o homem aceita a *ajuda* que lhe vem do Mistério através do outro, por maior ou menor que seja; porque através do outro o Mistério ajuda o homem, quando o homem vive as relações – a relação com o colega, com o outro – com a consciência do Destino.

Em qualquer relação, parte-se então com uma hipótese positiva. A alma secreta de qualquer relação é a amizade: querer o destino do outro, aceitar que o outro queira o meu destino. Quando eu reconheço e aceito que o outro age pelo meu destino, é isso a amizade.

A amizade, cristamente, é amizade fraterna, é a amizade mais familiar. São Bernardo dá-nos dela uma belíssima descrição: «A caridade gera a amizade, é como se fosse sua mãe [a caridade é o amor ao outro como afirmação do seu destino bom, como desejo de afirmação de que aconteça o seu destino justo, porque Cristo é o Mistério do qual é parte e participa]. É dom de Deus, vem d’Ele, porque nós somos carnis. Ele faz com que o nosso desejo e o nosso amor comecem da carne. No nosso coração, Deus inscreve um amor pelos nossos amigos que eles não podem ler, mas que nós lhes podemos manifestar. Resulta daí uma afeição, mais frequentemente um *affectus*, um apego profundo, inexprimível, que é da ordem da experiência e que fixa à amizade direitos e deveres».⁵²

Esta é a amizade de São Pedro, de Simão, filho de João, com Jesus, quando ainda não sabia, não se tinha dado conta, não tinha tomado plenamente consciência daquilo que Jesus queria dizer de si próprio.

«É a caridade que gera a amizade, é como se fosse a sua mãe». A caridade é a relação em que se procura o destino do outro com a consciência de quem foi chamado por ele, na certeza da consciência de que o destino do outro é Jesus, o Deus feito homem, na medida em que através daquele homem, é Deus que entra em relação connosco.

7. Dentro da história do mundo: ecumenismo e paz

Por último, o comportamento de Jesus para com a sociedade, precisamente como instituição.

⁴⁹ «De facto, o sacramento, na medida em que é também oração, deve ser o pedido que uma pessoa, mesmo que sepultada sob as suas próprias misérias, dirige a Deus como que através de uma pequena frincha de desejo de ser libertado» (L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra, 2017, p. 236).

⁵⁰ Lc 22,27.

⁵¹ Mt 20,28.

⁵² Cf. Bernardo de Claraval, «Lettera 11,2.8. Ai monaci della Certosa e al priore Guigone», *Lettere. Parte prima 1-120*, in *Opere di san Bernardo VI71*, Scriptorium Claravallense. Fondazione di Studi Cistercensi, Milão 1986, pp. 103, 107, 111.

a) em primeiro lugar, vejamos o comportamento de Jesus para com o lugar institucional que se chama Estado, nação ou, melhor ainda, pátria, originalmente povo, o povo naquela pátria. Deste ponto de vista, há citações impressionantes.

«Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel».⁵³ É aqui sublinhado o valor da pátria, ou da sociedade que exprime o povo, nas suas características e também nos seus confins. Mas este amor à pátria tem um destino de utilidade para todo o mundo: «Havia de ser anunciado, em seu nome, o perdão dos pecados a todos os povos, começando por Jerusalém».⁵⁴

Uma noite, Jesus da colina vê a sua cidade e chora sobre ela, pensando na sua ruína: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados! Quantas vezes Eu quis juntar os teus filhos, como a galinha junta a sua ninhada debaixo das asas, e vós não quisestes! Agora, ficará deserta a vossa casa. Eu vo-lo digo: não me vereis até chegar o dia em que digais: “Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor”».⁵⁵ Aquela cidade viria a matá-lo algumas semanas depois. Mas para Ele isto não conta, ou seja, não conta como definição. Outra noite, imediatamente antes de ser preso, no esplendor de ouro do templo iluminado pelo sol que se punha, *edákruse*, diz o texto grego, Jesus soluçou diante do destino da sua cidade. Uma piedade como a de uma mãe que se agarra ao filho para não o deixar ir ao encontro do perigo mortal para que se dirige.⁵⁶

O amor à pátria é uma implicação profunda da *pietas* cristã. Mas é-o na medida em que a pátria existe em função do bem-estar terreno e do bem eterno de toda a humanidade.

b) Em segundo lugar, a atitude de Jesus para com a sociedade como poder político, o poder político romano e judaico de então.

«Pilatos entrou de novo no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: “Tu és o rei dos judeus?”. Respondeu-lhe Jesus: “Tu perguntas isso por ti mesmo, ou porque outros to disseram de mim?”. Pilatos replicou: “Serei eu, porventura, judeu? A tua gente e os sumos sacerdotes é que te entregaram a mim! Que fizeste?”. Jesus respondeu: “O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que Eu não fosse entregue às autoridades judaicas; portanto, o meu reino não é de cá”. Disse-lhe Pilatos: “Logo, tu és rei!”. Respondeu-lhe Jesus: “É como dizes: Eu sou rei! Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz”. [...] Pilatos voltou a entrar no pretório e perguntou a Jesus: “Donde és Tu?”. Mas Jesus não lhe deu resposta. Pilatos disse-lhe, então: “Não me dizes nada? Não sabes que tenho o poder de te libertar e o poder de te crucificar?”. Respondeu-lhe Jesus: “Não terias nenhum poder sobre mim, se não te fosse dado do Alto. Por isso, quem me entregou a ti tem maior pecado [maior do que o teu]».⁵⁷ Mesmo o poder político, é só em função de um universo, em função de todos no mundo, que adquire a sua possível positividade terrena. Se não é assim, então «quem me entregou a ti tem maior pecado».

Outro trecho de São João fala da relação de Jesus com o poder político judaico: «Mas um deles, Caifás, que era Sumo Sacerdote naquele ano, disse-lhes: “Vós não entendeis nada, nem vos dais conta de que vos convém que morra um só homem pelo povo, e não pereça a nação inteira”. Ora ele não disse isto por si mesmo; mas, como era Sumo

⁵³ Mt 15,24.

⁵⁴ Cf. Lc 24,47.

⁵⁵ Lc 13,34 ss.

⁵⁶ Cf. L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II-Esperança*, Tenacitas, Coimbra 2009, pp. 99 ss.

⁵⁷ Jo 18,33-37; 19,8-11.

Sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação. E não só pela nação, mas também para congregar na unidade os filhos de Deus que estavam dispersos». ⁵⁸

c) Por fim, a atitude e o comportamento de Jesus para com a história.

Devemos imitar Jesus no seu comportamento para com a história, porque nós reconhecemos que a glória humana de Cristo é o sentido da história, da nossa existência pessoal e do seu contexto total que se chama história: «Pai, chegou a hora! Glorifica o teu Filho, de modo que o Filho te glorifique a Ti, segundo o poder que lhe deste sobre toda a Humanidade, a fim de que dê a vida eterna a todos os que lhe entregaste». ⁵⁹ Tal como para Jesus o sentido da história era o cumprimento da vontade do Pai («Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste» ⁶⁰), para o homem o sentido da história é Cristo, a glória humana de Cristo; imitar Jesus é, portanto, viver o objetivo de cada ação como afirmação do sentido da história, que é o próprio Jesus Cristo, a glória humana de Cristo.

Viver para a glória humana de Cristo chama-se testemunho. É o fenómeno pelo qual os homens reconhecem – por uma graça potente, um dom potente – de que é feita a realidade, os homens e as coisas: é feita de Cristo, e gritam-no a todos, demonstram-no com a própria existência, com a modalidade transformada da sua existência. O fim da história será o dia em que todo o universo humano será obrigado a reconhecê-lo. ⁶¹

Qualquer tempo na história, qualquer medida de tempo «merece», ou seja, proporciona-se ao eterno, na medida em vive a memória de Cristo. Por isso, a moralidade cristã implica que o empenho social, cultural e político seja educado, portanto amadureça, no ideal concreto de um chamamento e de uma ajuda à memória de Cristo e, portanto, ao sentido da história, como significado do tempo e das relações.

Se não nos faz viver cada gesto – desde o lavar os pratos ao estar no Parlamento – na sua dimensão cósmica de oferta a Cristo, não pode ser moral cristã. A oferta é reconhecer que é Cristo a *substantia*, a consistência do ser, que vive e se exprime numa relação; reconhecimento que não pode deixar de estar cheio do pedido de que Ele se deixe ver, se mostre, se demonstre.

Por isso, a convivência humana vive como seu ideal o que a Epístola aos Hebreus exprime: «Exortai-vos, antes, uns aos outros, cada dia, enquanto dura a proclamação do “hoje”, a fim de que não se endureça nenhum de vós, enganado pelo pecado». Exortai-vos uns aos outros cada dia: chamai a atenção para a memória de Cristo cada dia, chamai-vos a atenção para a memória de Cristo. «De facto, tornamo-nos companheiros de Cristo, desde que mantenhamos firme até ao fim a confiança inicial». ⁶²

Daqui vem a obediência que salva a ordem na sociedade.

Mas quem salva a ordem na sociedade é a autoridade: «Que todos se submetam às autoridades públicas, pois não existe autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. [...] É que os detentores do poder não são temidos por quem pratica o bem»; ⁶³ «Sede, pois, submissos a toda a instituição humana, por amor do Senhor». ⁶⁴ Aquilo que se vive não pode ser contraditório.

⁵⁸ Jo 11,49-52.

⁵⁹ Jo 17,1-2.

⁶⁰ Jo 17,3.

⁶¹ Cf. L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Bur, Milão 2020, pp. 275 ss.

⁶² Cf. Hb 3,13-14.

⁶³ Rm 13,1-3.

⁶⁴ 1Pe 2,13.

Nasce assim o empenho em servir a comunidade humana também na cultura, na economia, até na política, segundo toda a capacidade da nossa gratuidade, não só no tempo livre, mas sobretudo no trabalho.

Ecumenismo e paz são o resultado que tudo isto favorece. Neles é afirmado como princípio de cada relação, como contributo supremo de toda a convivência, a realização de uma amizade tendencialmente universal na qual a história humana encontra a melhor ajuda.

Isto significa que a *amizade cristã participa na geração da realidade social como povo*. Ou seja, da realização de tal amizade nasce um povo, porque só na reciprocidade um homem se torna pai, adquire uma paternidade, ou seja, gera. A paternidade acontece naquele nível em que a natureza é autoconsciente, é o nível humano. O animal é gerador-reprodutor, não pai. O pai é ajuda suprema para a clareza do sentido da vida e companhia no caminho para ela.

Qualquer relação, na medida em que é realizada no amor recíproco, ou seja, é amizade, gera alguma coisa de humano. E este é o nosso contributo, o contributo da moral da Igreja para a paz aqui e em todo o lado. Pelo contrário, o conteúdo mundano da relação é violência, leva à violência, insinua a violência, mesmo nas modalidades mais escondidas, tantas vezes astuta e inconscientemente dissimuladas, excepto no caso das relações, dos sobressaltos que acontecem no fulcro original, na natureza original: pai, mãe e filho. Tais sobressaltos do humano reduzem-se, todavia, a impulsos sem muito poder, que nada podem perante o rio, perante a esmagadora maré mundana e, portanto, perante a violência, diante da *hybris* que intervém inevitavelmente quando Deus se torna estranho, estranho à concepção e à constituição da relação.

Pelo contrário, do acontecimento da amizade cristã, vivida como ecumenismo e paz, nasce um povo: é o acontecer de uma concepção da vida, de um sentimento da realidade, de uma honestidade diante das circunstâncias, de uma resposta intensa diante de uma provocação, a partir de uma visão e de uma percepção do próprio destino de verdade e de felicidade. Não há apenas um indivíduo que depois, ao crescer, constitui uma família, na qual nascem dois ou seis filhos. Imaginemos as centenas de monjas de Ildegarda de Bingen e, seus contemporâneos, os monjes de Pedro, o Venerável, em Cluny, e todas as pessoas que iam lá. Foi o modo como, lentamente, da barbárie que dominava os séculos V e VI surgiu a família cristã, com a ternura de sentimentos, com a capilaridade das atenções, com a clareza das ordens, das leis que a caracterizam; «a família cristã como organismo-morada, como uma verdadeira morada para o homem: ajuda, abrigo, hospitalidade, canto».⁶⁵

A contradição a tudo vem de se identificar num poder terreno os ideais que se agregam nas palavras ecumenismo e paz. O poder faz com que estes mesmos ideais se tornem violência: o ecumenismo torna-se afirmação da posição fechada de cada um, violenta, ou uma destemperada negação de qualquer significado, de qualquer valorização, de qualquer estima; e a paz torna-se uma fórmula que se ergue como palavra de ordem para vencer a sua própria guerra.

A violência implica sempre a tentativa de destruir um povo: a violência dos exércitos, dos magistrados ou até das realidades religiosas em que a religiosidade não encontre uma adesão aberta e uma real consequencialidade.

E toda a educação do poder faz tender à violência a ação do homem, a concepção da família e da convivência social, o método de relação com os outros. O poder avaliza todas as formas de estranheza última, que são o início da violência no mundo.

⁶⁵ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 420.

Pelo contrário, ao homem que segue Cristo, nenhuma presença se torna estranha. «Se fosseis aquilo que devíeis ser, pegaríeis fogo a toda a Itália».⁶⁶ «Não vos contenteis com coisas pequenas: Ele, Deus, quere-as grandes».⁶⁷ Assim escrevia Caterina, a analfabeta jovem mulher de Siena.

Mas o Mistério como misericórdia permanece a última palavra sobre todas as horrendas possibilidades da história. O Mistério como misericórdia. Este é o abraço mais irresistível, na sua evidente piedade, do Ser, fonte, finalidade, natureza de todo o ser; é a relação do Ser com o meu nada, comigo a quem fez e a quem deu participação de Si. Este é o abraço último do Mistério, contra o qual o homem – mesmo o mais afastado e o mais perverso, ou o mais obscuro, o mais tenebroso – não pode opor nada, não pode opor objeção: pode abandoná-lo, mas abandonando-se a si mesmo e ao seu próprio bem. O Mistério como misericórdia continua a ser a última palavra mesmo sobre todas as horrendas possibilidades da história.

⁶⁶ Santa Catarina de Sena, *Lettera a Stefano di Corrado Maconi*, n. 368.

⁶⁷ Cf. Santa Catarina de Sena, *Lettera a fra Bartolomeo Dominici e fra Tommaso d'Antonio*, n. 127.

Assembleia

Stefano Alberto (Padre Pino): Para aquela rapariguinha, o início de cada dia, o início de cada gesto, cada ação era marcada, atravessada, cheia de consciência daquela Presença, da presença humana daquele menino, primeiro, e depois daquele homem: companhia do Mistério ao destino de Nossa Senhora, companhia humana do Mistério ao nosso caminho.

*Angelus*⁶⁸

*Laudes*⁶⁹

Giancarlo Cesana: Chegaram centenas de perguntas, como já é tradição. Das perguntas percebe-se uma coisa: que nos encontramos diante de uma proposta nova, até no sentido de inesperada, sobre a qual devemos trabalhar e refletir, e isto não nos deve surpreender, porque os Exercícios são um treino para alcançar o objetivo que é a vida; não são o objetivo, são um treino que nos introduz à grande corrida da vida.

Então, vou fazer assim: faço algumas perguntas ao padre Pino algumas perguntas que dizem respeito a passagens que foram especialmente referidas pelas diversas assembleias, e depois duas perguntas de fundo a *don* Giussani.

A primeira pergunta (as perguntas que dirijo ao padre Pino dizem sobretudo respeito ao tema da liberdade): «É possível retomar a questão da liberdade, explicando o que é que quer dizer que a liberdade é o único ponto não atacável pela razão?».

Padre Pino: O único ponto não atacável pela razão significa, em primeiro lugar, que é o único ponto em que o Mistério permanece mistério, totalmente mistério. Porque – é esta a passagem que *don* Giussani sublinhou na lição – que as coisas não se fazem por si mesmas é evidente para a razão, que eu neste momento não me estou a fazer por mim é evidente para a razão. A razão não percebe como é que isto acontece, não o pode perceber, mas que as coisas neste instante são de Outro, isso é evidente.

Mas há um ponto que não é de todo compreendido pela razão: a razão não consegue perceber o próprio facto da liberdade como possibilidade de reconhecer ou de não reconhecer o Mistério. É neste ponto que o Mistério continua a ser incompreensível...

Luigi Giussani: Ao Ser como tal não se pode acrescentar nada, nem tirar nada: mas a liberdade parece subtrair alguma coisa ao mistério do ser, a Deus, porque a liberdade é também uma possibilidade de que a criatura, o ser participado, se torne diabo, mentira, de que seja renegado o aspeto do receber, se ponha contra Deus, de que o seu ser

⁶⁸ A oração antiga do *Angelus* faz memória da Anunciação, o momento em que «o Verbo se fez carne». (O Anjo do Senhor anunciou a Maria / E ela concebeu pelo Espírito Santo. / Eis aqui a serva do Senhor / Faça-se em mim segundo a Vossa palavra. / E o Verbo divino encarnou / E habita entre nós. / *Avé Maria...* / Rogai por nós, Santa Mãe de Deus / Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. / Oremos, infundi, Senhor, nós vos pedimos, a Vossa graça em nossas almas, para que nós, que pela Anunciação do Anjo conhecemos a Encarnação de Vosso Filho Jesus Cristo, pela Sua paixão e morte na cruz sejamos conduzidos à glória da Ressurreição. Por Cristo, Senhor Nosso. / *Amen.* / *Glória...*).

⁶⁹ As Laudes matinais são a oração (da *Liturgia das Horas* da Igreja católica) que abre o dia com a recitação dos salmos; as laudes caracterizam uma personalidade comunitária: iniciativa original do indivíduo, mesmo na coralidade da assembleia, e expressão comunitária, mesmo na solidão da nossa própria casa. Cada dia dos Exercícios Espirituais começa com a oração comunitária das Laudes d’*O livro das horas*, mantendo aquilo a que se chama o *recto tono*: execução linear, uniforme, em que todos, de forma submissa, mantêm uma única nota.

participado se torne confronto, negação e confronto de Deus como fonte, como fonte comunicativa do ser.

Cesana: A segunda pergunta chegou de Madrid: «O que querias dizer quando afirmaste que devemos obedecer às autoridades (às autoridades civis, julgo)? E em que sentido é que isto não está em contradição com o que disseste antes sobre o Estado como Deus ídolo?».

Padre Pino: Não existe uma contradição entre as duas passagens citadas, porque aquilo que se queria atingir era a pretensão idolátrica de uma autoridade que queira fundar a sua autoridade em si própria, ou seja, ser a fonte exclusiva que decide sobre o eu. Aquilo que se quer atingir é a pretensão do Estado de ser a fonte exclusiva daquilo que o eu é e daquilo que o eu pode fazer.

Qualquer autoridade – não só a do Estado, também a da Igreja, ou da do marido e mulher, a dos pais com os filhos, a da escola, até a que existe entre os amigos –, qualquer autoridade, qualquer poder que pretenda fundar-se exclusivamente sobre si mesmo tem dentro – em maior ou menor medida – uma mentira, por isso inevitavelmente, precisamente porque tende a ser pretensão absoluta, é uma violência.

A autoridade verdadeira, pelo contrário, é o ponto que leva a peito o destino do outro; a autoridade é boa na medida em que – dissemo-lo ontem na passagem no final da lição – se interessa pelo bem comum e pela possibilidade do destino, portanto, na medida em que aceita que o destino do seu seja Outro, que o eu nasça de outro ponto, seja constituído por Outro, seja relação original com o Mistério.

Só o reconhecimento disto poderá vencer a inevitável mentira que – em maior ou menor medida – está por detrás de qualquer poder.

Cesana: A terceira pergunta é: «O que quer dizer que o pecado é seguir um estranho?».

Padre Pino: O pecado é seguir um estranho, ou seja, seguir uma atração que não leva ao destino, uma resposta que está fora do caminho. O pecado é precisamente seguir uma resposta que não corresponde ao desejo de felicidade, ao desejo de realização que é o meu coração. Parece ser uma coisa normal, parece ser uma coisa que lhe pode responder, mas assim que vou atrás dele, descubro que o ídolo tem boca e não fala, não cumpre aquilo que promete. A estranheza é precisamente em relação ao destino, em relação à meta, em relação à felicidade: alguma coisa que está de fora, está fora da nossa felicidade, não a pode realizar.

Cesana: E por fim – Pino – uma pergunta prática: «A imitação de Cristo coincide com imitar o carisma?».

Padre Pino: A imitação de Cristo é imitação de Cristo, da sua pessoa. Mas isto permaneceria para mim, em última instância, o conteúdo ou de uma devoção, ou de um sentimento se não passasse através do aqui e agora de um rosto, de um temperamento, de uma história. Para mim, o encontro com Cristo foi o encontro com um rosto, com uma pessoa. Cristo, o homem Jesus, na sua contemporaneidade, no seu aqui e agora é, para nós, o carisma, o ponto histórico através do qual Cristo diz: «Vem e vê».

Cesana: Bom, agora duas perguntas de fundo dirigidas a *don* Giussani, que se referem a uma pergunta que foi muito recorrente nos faxes que nos chegaram, e que é a relação entre o título – *Tu ou da amizade* – e as lições que foram desenvolvidas. Muitos queriam

perceber melhor, e escolhemos duas perguntas , deste ponto de vista, nos parecem particularmente significativas.

A primeira é: «Impressionou-nos especialmente o juízo que foi dado sobre o ponto de reconquista do eu ser, acima de tudo, ontológico e não ético, como o poder tenta fazer-nos crer. Seria possível aprofundar isto?».

A outra pergunta é: «Parece que aquilo que nos toca fazer seja a oração definida como pedido para ser. Rezo por muitas coisas que são importantes para mim, mas o que que quer dizer “pedido para ser”?».

Giussani: A primeira pergunta: que nexos existe entre ontológico e ético... O ontológico: diz-se ontológico aquilo que faz uma coisa ser real, como ela é efetivamente, como é real uma coisa.

Se eu tenho de usar uma colher, desculpem a comparação, não posso pegar-lhe dando-lhe um pontapé com o pé: tenho de agarrá-la com a mão, agarrá-la bem; não posso – por exemplo – agarrá-la pelo lado mais largo, o côncavo, e depois comer com o cabo. Com efeito, a ética deriva da consideração ou da consciência da realidade, de uma coisa na sua realidade, porque faz com que nos comportemos como ela exige, caso contrário podemos tratá-la mal, «tomar pirilampos por lanternas», pegar num buraco em vez de pegar na essência da questão.

Qual era a segunda pergunta?

Cesana: Rezamos por muitas coisas, mas o que quer dizer pedir para ser, rezar para ser? «Rezo por muitas coisas que são importantes para mim, mas o que quer dizer “pedido para ser”?»?

Giussani: Aquilo que é importante para ti – meu amigo –, aquilo que é importante para ti é uma resposta que não se completará definitivamente senão no fim. Aquilo que é importante para ti é uma modalidade com a qual tu reconheces, numa realidade parcial e efémera, passageira, não definitiva, não completa, aquilo que é o teu desejo único, ou a substância do teu desejo, que é a felicidade.

Por isso, o pedido para ser sublinha que aquilo que tu queres, aquilo que tu desejas, aquilo pelo qual pedes, não é senão uma exigência da satisfação que tu esperas que seja total, num aspeto particular da tua pessoa, da tua vida. Se esperas o *toto*, o tudo do particular, de teres nas mãos o particular, erras.

CRISTO VIDA DA VIDA

1. «Fez e ensinou»

Partimos destas duas perguntas; o que é Deus para o homem e como é que o podemos conhecer assim, por aquilo que dizemos conhecer dele?

A primeira resposta é ontológica, ou seja, parte da realidade como ela é, da realidade de Deus como é, daquilo que é Deus, para nos sugerir a forma de como nos comportarmos com Ele. Ora, como é que fazemos para conhecê-lo de modo tal que a realidade de Deus assuma um significado ético para nós, nos indique como nos comportarmos, e que comportamento ter diante d'Ele?

O ponto de partida é ontológico, parte-se da realidade como ela é. Para o homem, Deus é tudo! E o ser, aquilo que é, é Deus, porque «Deus é tudo», todo o ser. Fora de Deus há o nada, não outra coisa, não uma outra coisa diferente.

Então, o homem só reconhece verdadeiramente aquilo que Deus é se em tudo aquilo que faz pede a Deus para ser, e se cada ação sua é pedido a Deus para ser, ou seja, pedido de felicidade (cada pessoa tem uma meta em que será finalmente, e totalmente, ela mesma). Cada ação é pedido a Deus para ser, ou seja, é oração, porque toda ação do eu, como fenómeno pelo qual se torna verdadeira, se procura tornar verdadeira a existência do ser criado, é tentativa de afirmar a própria realização.

«Vocês [cristãos]» dizia Péguy «tocam Deus em todo o lado». ⁷⁰ Qualquer coisa em que toquemos, com qualquer coisa que entremos em relação, nós procuramos a nossa realização. Por isso, toda a consciência da ação, quando se realiza a ação, é pedido ao Ser para ser, é pedido, por parte do ser participado, para ser, para existir sempre, por tudo aquilo que recebeu, por tudo aquilo que é.

A segunda resposta deriva da descoberta ontológica – Deus é tudo e o homem é o ser participado, é uma comunicação que de Si faz o Ser como Mistério – uma questão de consciência ética, ou seja, de comportamento. Com efeito, se Deus é tudo (não se podem usar outras palavras), se Deus para o homem é tudo e aparece à razão como a fonte do ser, mas o homem não quer perceber e não se lembra disso, é como se Deus não existisse. Para a maior parte de nós, cada dia que passa está um tanto ou quanto cheio deste pecado. Onde o termo «pecado» é em si preciso, e tem em si não a bonomia, mas a melancolia de quando se diz: «Olha, aquele indivíduo fez assim e assado: que pecado, perdeu o bom senso!». Da mesma maneira, para Deus: «Não foi reconhecido: que pecado!» (*aqui don Giussani faz um trocadilho, pois em italiano peccato significa pecado mas também pena, nt.*).

Como é que podemos conhecer Deus assim? Como é que fazemos para conhecer com certeza e clareza que Ele é tudo, e que por isso o homem não pode agir a não ser pedindo aquilo que já recebeu d'Ele: o ser, a participação no ser, o ser criado, ou seja, o ser participado?

Como é que fazemos para o conhecer? É preciso tomarmos consciência disso. Isto diz respeito à força cognoscitiva do homem razoável. A razão é consciência da realidade segundo a totalidade dos seus fatores. Por isso, tomar consciência de uma coisa significa descobrir a coisa segundo a sua totalidade. No nosso caso, o objeto de que estamos a falar, o objeto que interessa, o objeto que está em discussão é Deus: como é que o homem concebe Deus e como é que Deus aparece, deve aparecer, ao homem.

⁷⁰ Cf. Ch. Péguy, *Véronique. Dialogo della storia e dell'anima carnale*, Piemme, Casale Monferrato-Al 2002, p. 256.

Assim, a razão, dando-se conta de que Deus é a fonte de tudo, de que o Mistério está na origem de tudo, tende também a descobrir como comportar-se com Deus, como tratar Deus, e portanto a descobrir os itinerários dos quais derivam as leis morais.

Mas aqui tivemos de assinalar um salto qualitativo verdadeiramente enigmático. O Mistério, fonte e destino de toda a realidade criada, quis que houvesse um homem nascido de uma mulher, que o caminho do humano como qualquer homem, o homem Jesus de Nazaré, e querendo comunicar-se aos homens através deste homem, fê-lo seu desde o primeiro instante da sua concepção, assumindo misteriosamente o seu eu no Verbo, na segunda pessoa da Santíssima Trindade, tornando-o por isso diretamente partícipe da natureza de Deus: supremo mistério na história do homem e do cosmos. Por isso Jesus de Nazaré é «Jesus, chamado o Cristo».

Ver, ouvir e seguir este homem é toda a fonte da moral cristã. O Mistério quis o homem Jesus para que fosse antes de mais nada instrumento de ensinamento a todos os homens – do supremo ensinamento da vida, que é o ensinamento sobre Deus –, único Mestre («Não vos deixeis tratar por “mestres”, pois um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos»⁷¹) e portanto exemplo naquilo que fazia daquilo que dizia magistralmente, que comunicava como ensinamento: fez e ensinou. O Senhor Jesus fez e ensinou.

Falando de Deus, não se pode ensinar a não ser aquilo que pré-ocupou, que ocupou primeiro a própria alma, toda a alma.

A coisa mais sublime de uma atitude moral como a que Cristo nos ensina é que cada ação, como relação com Deus, com Jesus, com a humanidade do indivíduo e da sociedade, é amizade. Cada relação humana, com efeito, ou é amizade, ou falta-lhe alguma coisa, é deficiente, mentirosa.

Por isso o homem Jesus disse: «Pai, se for possível, que eu não morra assim; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua».⁷² E assim foi mestre e docente, professor de todos os homens, passando através da sua morte, aceitando a morte pelos homens. «Ele amou-me e deu-se a si próprio por mim»,⁷³ dizia São Paulo.

Cada relação é amizade na medida em que é um dom, representa ou tem a possibilidade de ser um dom, que nos chega de Deus, ou de Cristo, ou da Igreja, ou da história do homem: a amizade é um dom que nós hospedamos. Tudo aquilo que nos é dado por Deus, Cristo, a Igreja, ou pela história do homem como comunicabilidade a todos os homens, para todos os homens, é um dom que nós hospedamos, aceitamos. E aceitar e hospedar este dom torna recíproco o amor que quem deu possui, demonstra: aceitá-lo é o amor que demonstramos nós a quem nos deu o dom. Neste sentido, a amizade é uma reciprocidade de dom, de amor, porque para um ser criado, como o homem, a forma suprema do amor a Deus é aceitar ser feito por Ele, aceitar o ser que não é próprio: é dado.

2. Um Acontecimento presente

A presença de Jesus Cristo, que é de cada dia e de cada hora na vida do batizado, ou seja, de quem foi escolhido por Ele mesmo, a quem o Pai entregou nas mãos todos os homens, é um acontecimento.

Esta presença é, portanto, para toda a humanidade, porque o batizado é aquele que é escolhido como ponto de passagem e de comunicação daquilo que Deus oferece ao homem, do dom que de Si faz ao homem, a toda a humanidade. Pensemos, por exemplo, neste pormenor: se eu fui batizado, foi porque a força do Mistério que me transformou no

⁷¹ Cf. Mt 23,8.10.

⁷² Cf. Lc 22,42.

⁷³ Cf. Ef 5,2.

Batismo queria passar, através de mim, por tantos itinerários e ocasiões, para outros. Esta é a ontologia da relação nova com tudo: a relação entre o batizado e todos os homens brota deste fim que o Mistério, no Batismo, nos comunicou. E o Mistério começou a fazer-nos conhecer, com a energia que nos deu no Batismo, o objetivo que tinha ao escolher-nos. Daqui brota a ética, o comportamento a seguir, que eu devo seguir quando tomo consciência do meu Batismo, que não pode ser esquecido em nenhuma ação; em nenhum dia e nenhuma hora o homem tem direito de esquecer-se desta escolha. O seu objetivo atravessa todo o organismo do fenómeno humano, do gesto e do empenho do homem, supera-o por todos os lados. Neste sentido, dissemos sempre que o instante tem um valor eterno, é relação com o Infinito realizado, como a maior ação, a maior epopeia, a maior história.

Ora, *a presença de Jesus Cristo é um acontecimento*, de acordo com o que o carisma que nos foi dado nos torna sensíveis para perceber (e de que estamos persuadidos!), é um Acontecimento que se encontra no presente, no agora, nas circunstâncias, que dilatam a evidência de uma companhia vocacional como emergência do mistério da Igreja, Corpo misterioso de Cristo.

Sobrenatural, dissemo-lo tantas vezes, é uma realidade humana na qual está presente o mistério de Cristo, é uma realidade natural – no sentido que se demonstra e se especifica com rosto humano – em que está presente o mistério de Cristo. É a Igreja que surge ao meu lado. Surgiu ao meu lado em determinadas circunstâncias, com o meu pai e a minha mãe, depois no seminário, depois ainda quando comecei a encontrar pessoas que estavam atentas e se tornaram minhas amigas porque eu dizia determinadas coisas e, finalmente, fui como que canalizado numa companhia que tornava e que torna imediato para mim o mistério da Igreja; por isso, é um aparecimento do Corpo de Cristo. É a companhia «vocacional», ou seja, a companhia que nos implica, na medida em que gera a experiência e é gerada pela experiência em que o carisma nos tocou.

Dizia Santo Agostinho: «*In manibus nostris sunt codices, in oculis nostris facta*». ⁷⁴ *In manibus nostris sunt codices*, os Evangelhos para ler, a Bíblia para ler; mas não saberíamos como lê-los sem a outra cláusula: *in oculis nostris facta*. A presença de Jesus é alimentada, confortada, demonstrada pela leitura dos Evangelhos e da Bíblia, mas é assegurada e torna-se evidente entre nós através dum facto, através de factos como presenças. Para cada um, há um facto que teve um significado, uma presença que teve influência sobre toda a vida: iluminou a forma de conceber, de sentir e de fazer. A isto chama-se acontecimento. Aquilo em que fomos introduzidos continua verdadeiramente vivo, torna-se verdadeiro todos os dias; por isso, todos os dias nós tomamos consciência, devemos tomar consciência do acontecimento tal como nos aconteceu, do encontro feito.

Concluo este sublinhar das minhas preocupações, dizendo: Cristo, este é o nome que indica e define uma realidade que encontrei na minha vida. Encontrei: ouvi falar dela, primeiro desde pequeno, desde rapaz, etc.. Podemos crescer e esta palavra é sabida, mas para muita gente não é encontrado, não é realmente experimentado como presente; ao passo que Cristo embateu na minha vinha vida, a minha vida embateu em Cristo precisamente para que eu aprendesse a perceber como Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. *É a vida da minha vida, Cristo*. N'Ele se realiza tudo aquilo que eu queria, tudo aquilo que eu procuro, tudo aquilo que eu sacrifico, tudo aquilo que em mim se move por amor das pessoas com as quais me colocou.

Como dizia Möhler numa frase que citei tantas vezes: «Eu penso que já não poderia viver se não o ouvisse mais falar». ⁷⁵ É uma frase que eu tinha colocado sob uma imagem

⁷⁴ Santo Agostinho, *Sermões 360/B,20*.

⁷⁵ Cf. A.J. Möhler, *Dell'unità della Chiesa*, Tipografia e libreria Pirotta e C., Milão 1850, p. 52.

de Carracci com a figura de Cristo, quando estava no liceu. Talvez uma das mais frases que mais recordei na minha vida.

Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e companhia para a vida quotidiana, companhia familiar e transformadora em bem: é isto que representa a eficácia d'Ele na minha vida.

A moral não só parte daqui, como só daqui o fio da moralidade se confirma e se salva.

São Pedro não apresentou como motivo do seu amor a Cristo o facto de ser perdoado em tantos dos seus defeitos, em tantos dos seus erros, em tantas das suas traições; não fez o rol dos seus erros. Quando se encontrou diante d'Ele, depois da Sua Ressurreição, daquela vez que se encontrou face a face com Cristo, e Cristo lhe perguntou: «Simão, tu amas-me?», disse-lhe: «Sim». É a relação com esta Sua palavra, que é a mais humana e a mais divina, que faz abraçar, na nossa existência quotidiana, tudo. E quotidiana deve ser a sua memória, quotidiano deve ser o ímpeto com que Ele se torna familiar, alegre deve tornar-se a companhia com Ele, e a sua memória, alegres nos deve deixar, em qualquer circunstância, em qualquer condição, porque em ti, Senhor, se encarna o bem que o Mistério me quer. Assim, tem-se a certeza de alcançar o destino feliz e tem-se a esperança por todo o desenrolar da vida.

«Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo». Mesmo que tivesse errado e traído mil vezes em trinta dias, isto permanece, tem de permanecer! Parece-me que isto não é uma presunção, mas uma surpreendente, inconcebível e inefável graça, como dizia Michelangelo Buonarroti: «Mas que posso eu, Senhor, se a mim não vens / com a costumeira inefável cortesia?».⁷⁶

Cristo e o sim a Ele: isto, paradoxalmente, é o aspeto humanamente mais fácil – digo-o um tanto ou quanto presunçosamente, um tanto ou quanto entusiasticamente – ou, pelo menos, mais aceitável de todo o dever moral que temos no mundo. Porque Cristo é a palavra que tudo manifesta: Cristo é um homem que viveu há dois mil anos como todos os outros, mas que, ressuscitado da morte, invadido pela força do Mistério n'Ele, de cuja natureza participava, investe-nos dia após dia, hora após hora, ação após ação.

A totalidade da presença e da pretensão do Mistério sobre a nossa vida («Deus tudo em tudo») e de Cristo, de Jesus de Nazaré, do jovem homem de Nazaré, Jesus, que é o Mistério feito Cristo, Seu Cristo, a totalidade da grande figura, da imensa figura, da imensa referência que Deus, a palavra de Deus é no nosso coração e nos nossos lábios, a totalidade desta presença familiar, quotidiana e eficaz, desta companhia tão estranha quanto manifestamente insuperável, esta totalidade explica o nosso dizer «Tu»: devemos dizer «Tu» a Deus e devemos dizer «Tu, ó Cristo» ao homem Jesus de Nazaré.

Tanto o Mistério como a sua presença física na nossa vida são fonte da relação que temos com a verdade e com a realidade toda, e tudo isto torna-se a fonte também daquilo que dissemos ser amizade. Não há relação diante de Ti, Cristo, quando te encontro vivendo a memória de Ti, não posso ter nenhuma relação humana, de nenhum tipo, com ninguém, sem que o tema, o ideal da amizade, não seja perseguido. Se, da mesma forma como Tu olhavas para todas as pessoas com quem falavas ou que te respondiam, ou com quem não houve nenhum diálogo – até com Pilatos, até com os sumos sacerdotes –, se a relação que Tu tinhas com elas era plena, como foi demonstrado em toda a Tua paixão, era cheia de paixão pelo seu destino, pelo destino das suas pessoas, plena de amor por elas, se tivesse sido acolhida por elas, se tivessem combinado e acordado contigo, a palavra amizade teria sido a única que teriam podido usar para a relação contigo. A palavra amizade é a única que podemos usar para a relação entre nós e Ele.

⁷⁶ M. Buonarroti, *Rime*, Laterza, Bari 1967, n. 286, vv. 5-6, p. 136.

São Máximo, o Confessor, um grande Padre da Igreja, faz a este respeito esta síntese admirável que já recordámos: «Cristo é [...] tudo em todos [quer sejamos bons, quer sejamos maus, quer sejamos distraímos, quer estejamos fora de caminho ou dentro]. Ele, que tudo em si encerra segundo a potência única, infinita e sapientíssima da sua bondade – como um centro para o qual convergem as linhas [todas as linhas da criação: este é o nascimento ontológico, é o olhar da ontologia do qual todo o nosso comportamento na vida deve nascer] – a fim de que as criaturas do Deus único não fiquem estranhas e inimigas umas das outras, mas tenham um lugar comum onde possam manifestar a sua amizade e a sua paz».⁷⁷ É a síntese do espírito com que falámos e pensámos ao longo destes dias.

⁷⁷ São Máximo, o Confessor, *Mistagogia*, I.